

EIXO CAPITAL



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Divulgação



Divulgação



Leila lidera em doações do Fundo Eleitoral, seguida por Ibaneis

Até o momento, segundo os dados registrados na Justiça Eleitoral, a candidata Leila Barros (PDT) foi a que mais recursos recebeu do Fundo Eleitoral. Foram R\$ 7,1 milhões repassados pelo PDT. O governador Ibaneis Rocha (MDB) é o segundo colocado, com R\$ 6,5 milhões, sendo R\$ 4,25 milhões do MDB e R\$ 2,25 milhões do PP. Izalci Lucas (PSDB) vem na

sequência, com R\$ 3,64 milhões repassados pelo PSDB. O candidato Leandro Grass (PV) recebeu R\$ 2,4 milhões do PV. No ranking, Coronel Moreno (PTB) é o próximo, com R\$ 1 milhão do PTB. Paulo Octávio (PSD) está bem atrás da primeira colocada em doações. Recebeu R\$ 750 mil do diretório regional do PSD. Já Keka Bagno (PSol) recebeu R\$ 528 mil.

Instagram @paulooctaviadf



Instagram @kekabagno



Concordância

Quem diria: Paulo Octávio (PSD), de direita, e Keka Bagno (PSol), de esquerda, têm uma meta em comum: implementar a tarifa zero no transporte público do DF.

Apoio de motoboys e servidores da saúde

O vice-governador Paco Britto chega na reta final de campanha bem confiante em sua eleição para a Câmara Legislativa. Na semana passada, ele recebeu apoio de motoboys, em almoço que reuniu centenas desses profissionais. Paco também contou com a adesão de servidores da saúde pelo trabalho no Comitê Todos Contra a Covid. “É um legado que ficará para a população. Mais de 200 leitos, em Ceilândia e Samambaia, sem uso de dinheiro público, funcionando todos os dias. Fico muito feliz pelos servidores da saúde reconhecerem a importância desses hospitais acoplados”, diz.

Reprodução/Redes Sociais



Fim de campanha com Michelle Bolsonaro

Dameres Alves participa, hoje, do último comício de sua campanha em Ceilândia Norte. A primeira-dama Michelle Bolsonaro vai passar o dia na cidade com a candidata ao Senado. Já no café da manhã, as duas participarão de um culto com pastores na Sara Nossa Terra de Ceilândia.

“Como ex-juiz, se persistir a polarização, não poderei votar, muito embora tenha feito no passado, num candidato que foi condenado quatro vezes por crime contra a administração pública. Eu estaria traindo a minha trajetória como juiz, que foi uma trajetória bem longa de 42 anos”

Marco Aurélio Mello, Ministro aposentado do STF, em entrevista ao UOL



Reprodução/YouTube

“Diante das ameaças do candidato Bolsonaro contra o sistema eleitoral brasileiro, especialmente contra as urnas eletrônicas, reconhecidas aqui e no exterior como seguras e confiáveis, o que redunde em ameaça ao Estado Democrático de Direito, meu voto, no próximo domingo, será para o Lula”

Carlos Velloso, Ministro aposentado do STF



Reprodução/YouTube



Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb



Sabatinada no *CB.Poder*, a candidata ao governo do DF Keka Bagno confrontou a epidemia de violência contra as mulheres e criticou a falta de políticas públicas. Segundo ela, questões estruturantes são urgentes

Desafio está em pautas sociais

» LUCIANA DUARTE*

Às vésperas do primeiro turno das eleições, a assistente social Keka Bagno, 34 anos, está perto de encarar o resultado dos mais de 40 dias de mobilização política em que se apresentou aos moradores do Distrito Federal como alternativa para a gestão do Executivo local. Em conversa com a jornalista Ana Maria Campos, durante o programa *CB.Poder* — uma parceria do **Correio** e a TV Brasília —, a candidata filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSol) refletiu a respeito da disputa eleitoral e falou dos desafios para a próxima gestão.

Na edição especial de entrevistas com os pretendentes ao cargo de governador, a apresentadora Ana Maria Campos iniciou a sabatina perguntando sobre os casos de feminicídios no DF, tema recorrente nas falas de Keka. Segundo a assistente social, desde a aprovação da lei do feminicídio em 2015, mais de 140 mulheres foram assassinadas no DF em circunstâncias que se enquadram na tipificação do crime. “Existe uma epidemia de violência contra as mulheres”, expôs a candidata lembrando que além das mortes das mulheres, 250

crianças ficaram órfãs em virtude dessa barbárie.

Para ela, “o agressor não é um doente, é um agressor” e faltam mecanismos de contenção. Ela afirmou que, durante o governo de Ibaneis, houve mais de 90 crimes que resultaram na morte de mulheres em função da condição de gênero. “É preciso incluir os números dos assassinatos de mulheres trans e travestis, que não são considerados como feminicídios”, asseverou.

Keka sustentou que não divulgar todos os casos de feminicídio é uma forma de culpabilizar a vítima. “Traz a percepção de que o problema não existe e que não são necessárias políticas públicas para o enfrentamento. As mulheres já são silenciadas quando estão em processo de violência. Nós precisamos de campanhas em espaços públicos para o enfrentamento ao machismo”, defendeu.

Críticas

Ela apontou o fato de que das duas delegacias de atendimento especializado à mulher, uma é fruto de pressão social e da indicação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre feminicídio. Ela também atacou a atual gestão do GDF no que se refere

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Na campanha, a assistente social disse que pôde ouvir a população e que o Estado tem suas responsabilidades

aos serviços de assistência social para as vítimas em situação de vulnerabilidade. “É preciso fazer um pacto social para que se consiga vencer o problema.”

Sobre a saúde na capital federal, ela considerou que a falta de atenção ao atendimento básico é um dos grandes problemas a serem sanados. “Muitas pessoas recorrem aos hospitais porque não têm atendimento na ponta”, afirmou.

Questionada sobre a mobilidade urbana, a candidata afirmou que poderia resolver o problema em quatro anos de mandato. “Ficamos felizes em ver que outros candidatos também tenham abraçado o tema da tarifa zero, que é uma reivindicação histórica, principalmente dos universitários.” Keka exemplificou que cidades no Brasil têm evoluído no assunto, adotando

tarifa zero ou tarifa integrada, em que com um valor único e são usados todos os meios de transporte interligados. “Nós não queremos cidade para carros, nós queremos incentivo do transporte coletivo”, diz a postulando ao Buriti, afirmando que a única forma de reduzir a prevalência do transporte automotivo individual é focar numa política de transporte público robusta.

Quando o tema foi a privatização de serviços, a candidata foi categórica ao dizer que o modelo é contrário às propostas de governo do partido. “O Estado tem de ter suas responsabilidades. O DF é uma unidade federativa muito rica, com um orçamento muito alto, com condições de executar políticas públicas por meio do Orçamento e da gestão”, enfatizou.

Avaliando positivamente o resultado da jornada de sua primeira disputa ao governo do DF, Keka admite que aprendeu a escutar mais. “Você vai lidando diretamente com as dores das pessoas e vai aprendendo a construir saídas.” Ela também contou que, em alguns momentos, sofreu violência física e intimidação. A candidata considerou que o fato de seu nome não aparecer nominalmente nas pesquisas eleitorais, e sim como ‘outros’, representou uma violência eleitoral. Ela também salientou que o tempo disponibilizado para propaganda eleitoral gratuita e a verba do fundo eleitoral destinados ao partido também dificultaram que o público tivesse mais conhecimento de suas propostas.

*Estagiária sob a supervisão de Juliana Oliveira